

a sofrer pressões insuportáveis, acompanhando, aliás, a situação geral do país, cujas contradições se agravavam a cada passo e se tornavam agudas. Precedendo os acontecimentos de outubro, quando os jornalistas tiveram de recorrer à greve contra os patrões, os proprietários, por vontade própria e por pressão das forças que os controlam, decidiram por uma limpeza nas redações, proibindo que publicassem alguns colonistas, de posição liberal, as suas opiniões, demitindo-os, se necessário. A revista *Manchete* estava em máquina, trazendo reportagem de seu redator-chefe sobre a União Soviética, que viera de visitar: brutal intimação de órgão de publicidade forçou a retirada do papel das máquinas: a revista era asperamente compelida a suprimir aquela reportagem sob pena de perder grande parcela da publicidade que lhe era distribuída. Obedeceu, tranqüilamente, e tudo continuou como dantes.

Em agosto de 1962, o colonista de *Última Hora*, Arapuã, que mantinha seção em que apareciam críticas humorísticas aos Estados Unidos, seção de público numeroso, foi intimado a suprimir tais críticas. Preferiu abandonar o jornal. A carta que divulgou, então, é triste característica do controle estrangeiro sobre a imprensa brasileira, documento que constitui o epitáfio de uma época: “Aos companheiros de U H — Nesta data deixo o jornal. Sempre disse que não escreveria sem o mínimo de liberdade indispensável à dignidade profissional do palhaço aqui. Não culpo e espero que não culpem U H. Manteve-se até onde pôde. O cerco do poder econômico, porém, cada vez se torna mais implacável. E foram eles — e não U H, afinal de contas uma empresa capitalista e que precisa sobreviver — foram eles os autores remotos desta despedida. Sou grato a todos os companheiros. Aqui passei os melhores anos de minha vida de jornalista, participando humildemente desta equipe corajosa. Sou grato, também, à própria direção do jornal: até onde pôde, manteve-me. Quando não resistiu mais, pediu-me o sacrifício de uma parcela daquela liberdade que sempre exigiu para minha coluna. Não houve alternativa. Entre ceder naquilo que para mim é intocável e continuar — preferi sair. Se minha saída servir para qualquer idéia de luta, que não seja contra o jornal — afinal de contas o último que ainda noticia uma greve ou dá cobertura a uma reivindicação operária. A luta é contra o IPES, a canalha do poder econômico e, justamente por isso, saio — para poder manter minha cabeça erguida. Erguida para continuar lutando. Até breve, companheiros. Eles vão apertando em todos os locais de trabalho. Iremos pulando de um para outro — até cair atrás de uma barricada, onde eles ouvirão a última sentença. Obrigado a todos”. Em 1959 ainda, o vespertino *O Globo*, do Rio, distribuía, com uma de suas edições, suplemento especial de várias páginas, organizado para difamar